

A POTÊNCIA DA ARTE E DA SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE PROTAGONISMO JUVENIL, IDENTIDADE E AUTOESTIMA NO PROJETO ARTEVITAL EM PERNAMBUCO

¹Ana Roberta Amorim da Silva

²Bruna Barros Campos do Couto Corrêa

³Délvia Cristine Araújo dos Santos

RESUMO

O presente trabalho do PIBID de Ciências Sociais da UFPE analisa a experiência pedagógica do projeto ArteVital 2025, realizado na Escola de Referência em Ensino Médio Dom Vital, em Pernambuco, uma instituição de tempo integral que prioriza a promoção da justiça socioambiental e a valorização do ser estudante. A iniciativa configura-se como uma prática interdisciplinar que articula o ensino de Sociologia com as áreas de Linguagens e Ciências Humanas. Partindo do tema “Arte, justiça socioambiental, manguebeat e outras coisas mais”, o projeto buscou ir além de uma abordagem curricular tradicional, utilizando a arte e a educação como ferramentas fundamentais para o fortalecimento da autoestima e do protagonismo juvenil. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, caracterizada como um estudo de caso com base documental do projeto, e utiliza eixos de análise focados nos objetivos, práticas pedagógicas e critérios avaliativos. A iniciativa mobilizou estudantes e docentes em uma mostra de produções artísticas e senso de agência. Fundamentado em autores como Milton Santos e Ailton Krenak (justiça socioambiental), Ivani Fazenda (interdisciplinaridade), bell hooks (raça e identidade) e Ana Mae Barbosa (arte/educação), o estudo evidencia a potência da Sociologia para desenvolver a leitura crítica da realidade. A experiência do ArteVital demonstra a urgência de projetos que estimulem o protagonismo, o senso crítico e elevem a autoestima dos estudantes. Com isso, os resultados apontam para uma significativa articulação entre arte, escola e comunidade, reforçando a relevância de investimentos educacionais para o desenvolvimento desses projetos, contribuindo para uma educação emancipadora e transformadora.

Palavras-chave: Artevital, Sociologia, Protagonismo juvenil, Arte e Educação, Justiça socioambiental.

¹ Graduanda da Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) de Ciências Sociais. anaroberta.silva@ufpe.br

² Graduanda da Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) de Ciências Sociais. bruna.barrosc@ufpe.br

³ Professora orientadora e pesquisadora, mestrandona Fundaj, supervisão PIBID Ciências Sociais UFPE. delvia.santos@aluno.fundaj.gov.br

Introdução

O presente trabalho, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tem como foco a análise da proposta pedagógica do projeto ArteVital 2025. Realizado pela Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Dom Vital, em Pernambuco, uma instituição de tempo integral. O projeto se destaca por articular o ensino de Sociologia com as áreas de Linguagens e Ciências Humanas por meio da arte e da educação. A iniciativa se propõe a ir além de uma abordagem curricular tradicional, utilizando de ferramentas para o fortalecimento da autoestima e do protagonismo juvenil. Com o tema central 'Arte, justiça socioambiental, manguebeat e outras coisas mais' (2025), a proposta se materializou em mostras de produção artística e literária, divididas nas categorias Poesia no Varal, Teatro das Invenções, Música e Dança, e o Estande do Saber, visando aprofundar o diálogo dos estudantes com a realidade. Diante desse cenário, o presente artigo se propõe a responder à seguinte questão: de que forma o projeto ArteVital 2025 articula a Sociologia e a Arte para promover a leitura crítica da realidade e o oportunizar o protagonismo juvenil? Para tanto, o estudo analisou a experiência pedagógica do projeto e, mais especificamente, discutiu como a interdisciplinaridade entre as duas áreas se manifestou nas atividades propostas aos estudantes. A relevância desta pesquisa reside na urgência de se pensar em metodologias de ensino que estimulem o engajamento dos alunos e os preparem para uma atuação crítica e transformadora na sociedade.

Esse artigo está estruturado em quatro seções. A primeira, a fundamentação teórica, discute os conceitos de arte-educação e justiça socioambiental, bem como a potência da interdisciplinaridade para o ensino de Sociologia. A segunda seção, a metodologia, detalha o percurso do trabalho, nascido a partir da ideia da professora Kátia Cunha que leciona a disciplina de Física, e que enxergou nos estudantes o potencial de se descobrirem enquanto fazedores e disseminadores de arte, cultura e conhecimento. Essa seção também traz o relato da observação por parte das autoras deste artigo do dia de apresentações das turmas da escola, ocorrido em 07 de maio de 2025. A terceira, resultados e discussão, apresenta uma análise das categorias do projeto (Poesia no Varal, Teatro das Invenções, Música e Dança, e o Estande do Saber) e do potencial de articulação que elas demonstram entre Sociologia e



Arte, a partir das observações das autoras, que acompanharam o dia de apresentações . Por fim, as considerações finais sintetizam os achados da pesquisa e apontam para a importância de projetos que elevam o senso crítico e a autoestima dos estudantes.

Referencial Teórico

A proposta do ArteVital 2025 fundamenta-se na compreensão de que a arte é um poderoso instrumento de leitura e transformação da realidade, indo muito além de um mero componente curricular. Essa perspectiva se alinha diretamente com o pensamento de Ana Mae Barbosa, que redefine o processo de ensino-aprendizagem ao afirmar que a verdadeira aprendizagem não ocorre por meio da simples transmissão de conteúdo, mas sim através da provocação de experiências (ANA MAE BARBOSA, 2019). Para a autora, a experiência é o caminho para a apreensão do conhecimento, permitindo que o estudante distinga o que é essencial do que é acidental. A arte, nesse sentido, não é um conteúdo a ser transmitido, mas um catalisador de processos mentais, capaz de gerar autonomia e uma compreensão profunda do mundo. A experiência do projeto, ao utilizar a arte como meio para debater questões sociais e ambientais, reflete a crença de que a expressão artística é um caminho legítimo para que os estudantes processem os desafios da vida, sejam eles emocionais ou sociais. Como ressalta Ana Mae Barbosa (2019), a arte pode ser entendida como um esforço humano para se harmonizar com os ritmos contínuos da existência, proporcionando, assim, um caminho para a reflexão e o desenvolvimento pessoal, sobretudo durante o período de intensas transformações da adolescência.

Essa leitura da realidade se aprofunda com o conceito de justiça socioambiental. Para aprofundar a compreensão dos desafios do projeto ArteVital, propõe-se uma análise sob a perspectiva crítica de autores como Milton Santos e Ailton Krenak. Para Santos, o espaço geográfico é inseparável da sociedade e da técnica, e "o que hoje se chamam agravos ao meio-ambiente, na realidade não são outra coisa senão agravos ao meio de vida do homem" (SANTOS, 1995, p. 140). Isso demanda uma análise das desigualdades socioespaciais que se manifestam no cotidiano de Recife, desde a habitação até o transporte. Por sua vez, Ailton Krenak (2020) oferece a cosmovisão indígena que descoloniza o conceito de natureza, ao denunciar a abstração civilizatória que suprime a diversidade e que nos "descola do corpo da Terra". Ele identifica a resistência dessa lógica nos núcleos que "ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos [...] Esta é a sub-humanidade: caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes" (KRENAK, 2020, p. 44). Essa



articulação de pensamentos permite que o projeto vá além da simples conscientização ecológica. O ArteVital, assim como o Manguebeat, celebra e revaloriza o território (o mangue) e a cultura local (o mangue como um ecossistema cultural), transformando o que Krenak chama de "sub-humanidade" no ponto de partida para a justiça socioambiental e a resistência à lógica do capital, promovendo uma visão de mundo mais plural e engajada

A experiência do ArteVital reforça a importância da interdisciplinaridade como uma metodologia de ensino transformadora. Partindo do referencial de Ivani Fazenda, o projeto rompe com as barreiras disciplinares e estabelece um diálogo permanente entre diferentes áreas do conhecimento, como a Sociologia e a Arte. Segundo Fazenda (2012), a interdisciplinaridade vai além de uma simples combinação de disciplinas, sendo, na verdade, uma postura que requer que tanto o educador quanto o aluno vivenciem a ideia de forma completa, envolvendo o corpo, a emoção e a alma.

A iniciativa realizada no EREM Dom Vital, ao propor a criação de arte a partir de conceitos sociológicos, busca recuperar a "alegria do ato de conhecer", incentivando os estudantes a buscarem um "conhecimento que habita nas entrelinhas do disciplinar", ou seja, que transcende o puramente racional. Por isso, ela traz que:

O primeiro passo para a aquisição conceitual interdisciplinar seria o abandono das posições acadêmicas prepotentes, unidirecionais e não rigorosas que fatalmente são restritivas, primitivas e "tacanhas", impeditivas de aberturas novas, camisas-de-força que acabam por restringir alguns olhares, tachando-os de menores. Necessitamos, para isso, exercitar nossa vontade para um olhar mais comprometido e atento às práticas pedagógicas rotineiras menos pretensiosas e arrogantes em que a educação se exerce com competência. (FAZENDA, 2015, p. 13)

Ana Mae Barbosa também reforça a necessidade de uma "discussão mais ampla e interdisciplinar" para que possamos "perceber o processo de colonização" que é "cotidiano".

Mais ainda, já que:

A Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local. Contudo, a educação formal no Terceiro Mundo ocidental foi completamente dominada pelos códigos culturais europeus e, mais recentemente, pelo código cultural norte-americano (BARBOSA, 2005, p. 13)

O ArteVital, ao unir teoria e prática, oferece essa possibilidade, valorizando a cultura local e a expressão dos estudantes, e combatendo a noção de que a arte é um domínio exclusivo de poucos. A articulação do projeto com o movimento Manguebeat, por exemplo, permite que os estudantes se conectem com uma manifestação artística local que, por sua natureza, já é uma forma de ativismo socioambiental. Nesse contexto, a proposta pedagógica

do projeto também se encontra em profundo diálogo com a pedagogia engajada de bell hooks. A autora defende que a sala de aula deve ser um espaço de liberdade onde a educação se torna uma prática de liberdade, permitindo que os estudantes questionem a realidade e se engajem na transformação social. A autora afirma:

Ao longo de meus muitos anos como aluna e professora, fui inspirada sobretudo por aqueles professores que tiveram coragem de transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado como uma rotina de linha de produção [...] A educação progressista e holística, a “pedagogia engajada”, é mais exigente que a pedagogia crítica ou feminista convencional. Ao contrário destas duas, ela dá ênfase ao bem-estar. (HOOKS, 2013, p. 25)

Ao focar em temas como a justiça socioambiental, o ArteVital 2025 propõe que os alunos, por meio da arte, examinem as complexidades de raça, classe e identidade a partir de suas próprias vivências. A escolha de obras como "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus, e "O Avesso da Pele", de Jeferson Tenório, é um exemplo prático dessa abordagem, pois são textos que abordam as experiências de pessoas negras e pobres de forma visceral e direta. Para hooks (2013), a educação é um instrumento para o fortalecimento da autoestima, pois o estudante, ao se sentir visto e valorizado, adquire a confiança necessária para expressar suas opiniões e confrontar as desigualdades. A produção artística, nesse sentido, torna-se um ato de resistência e de protagonismo, onde os estudantes são convidados a assumir a autoria de seu próprio conhecimento, elevando seu senso de agência e seu lugar no mundo. A união da Sociologia, que oferece as ferramentas conceituais para analisar a sociedade, com a arte, que proporciona a linguagem expressiva para debater essas questões, evidencia a potência da Sociologia para desenvolver a leitura crítica da realidade.

A experiência do ArteVital, portanto, não é apenas uma mostra cultural, mas um projeto que materializa a articulação entre arte, escola e comunidade, reforçando a relevância de políticas públicas para o desenvolvimento desses projetos e contribuindo para uma educação verdadeiramente emancipadora e transformadora.

Metodologia

A metodologia desta pesquisa partiu da observação das apresentações no dia dedicado às turmas demonstrarem umas às outras suas produções, no mês de maio de 2025 nos dias 06 e 07, e da escuta atenta, por meio de entrevista, com a idealizadora do projeto, professora Kátia Cunha. A ideia do ArteVital surgiu em 2018, quando a professora percebeu uma tendência importante dos alunos da instituição: muitos deles, apesar de terem talentos latentes, revelavam uma baixa autoestima. Conforme trazido pela professora, eles não



acreditavam em seus potenciais e que outras pessoas podiam reconhecer e valorizar as suas habilidades. Por isso, buscando trazer um aspecto interdisciplinar para a atividade, com foco principalmente nas ciências humanas e línguagens, a professora estruturou o que viria a ser o ArteVital, ideia imediatamente abraçada pela escola.

Originalmente das ciências exatas e docente da disciplina de Física na EREM Dom Vital, a educadora viu nas artes e nas ciências humanas uma forma de se aproximar e estimular os seus estudantes a buscarem em si mesmos o que, muitas vezes, achavam possível encontrar apenas no outro. Em entrevista para explicar sobre a origem do projeto, a professora conta que, no início, houve uma resistência por parte dos alunos, mas que

À medida em que eles se envolviam mais, começou-se a criar um sentido de pertencimento e resgate da autoestima a partir das apresentações, peças e outros materiais e atividades que eles produziam. O que iniciou com certo receio por parecer ser apenas mais uma tarefa no currículo escolar, se tornou algo que os estudantes demonstrar ter prazer em fazer. (Katia Cunha, junho 2025)

Um aspecto salientado pela docente é a importância do elogio. Para ela, a partir das suas observações das reações dos estudantes, quando elogiados ele se tornavam ainda mais engajados e dedicados a entregarem os trabalhos. Todo o processo de compreensão do tema do ano, idealização de cada grupo e execução no dia das apresentações se tornou, para a professora, um caminho de exploração do “potencial criativo e artístico dos alunos”, segundo conta em entrevista. Para além dos alunos, há também a relação com os pais. Como ressalta a professora Kátia, em seis edições do projeto (iniciou-se em 2018, sendo que em 2020 e 2021 não houve edição por conta da pandemia) nunca houve problema ou reclamações vindas dos responsáveis.

Questões de crenças religiosas, por exemplo, tendem a ser mais polêmicas, mas mesmo assim nunca tivemos qualquer dificuldade vinda dos pais. Na verdade, em momentos como esse, é importante tratar o assunto de forma pedagógica e acessível aos alunos, explicando a diferença entre cultuar a religião e celebrar a cultura na qual ela está inserida. Ou seja, o respeito às diferentes crenças. (Kátia Cunha, junho 2025)

Observando de perto as apresentações dos alunos, a partir do acompanhamento das ações na escola, próprio das atividades do PIBID, foi possível perceber esses apontamentos trazidos pela professora Kátia. No dia 7 de maio de 2025, pudemos acompanhar o resultado dos dias de dedicação para a produção das apresentações musicais e de teatro, poesias, pinturas, esculturas e desenhos feitos pelos alunos em sete turmas (2F, 2G, 1F, 2H, 3G, 3F, 1H). Dentre todas as produções, uma das mais impactantes foi a realizada pelo 3G, relacionando o livro *O Avesso da Pele*, de Jeferson Tenório, e a música *Identidade*, de Jorge

Aragão.



Para os painéis, os alunos trouxeram imagens muito fortes de uma abordagem policial contra um homem negro sendo filmada por uma terceira pessoa; outro painel de uma pessoa negra escravizada, com correntes prendendo o corpo; uma terceira imagem de mãos de uma pessoa negra se libertando de algemas, entre outras retratações que demonstraram que eles não só entenderam a mensagem de ambas as obras, como conseguiram dialogar e estabelecer conexões com acontecimentos do cotidiano. A capacidade de ação pedagógica proposta de transformar conceitos sociológicos densos em uma linguagem artística tão direta e emotiva, configura-se como o ponto mais alto do projeto. Evidencia-se que a arte não apenas serve como meio didático, mas como uma ferramenta visceral de empoderamento, capaz de fortalecer a autoestima e o senso crítico da juventude. A experiência em campo, portanto, reforçou a convicção sobre a urgência de iniciativas que dão voz e visibilidade ao talento e à realidade dos jovens. Já em relação às apresentações de fato, na quadra de esportes, a turma do 2G foi uma das mais significativas. Eles trouxeram um poema que fala sobre as representações do Nordeste, mais especificamente Pernambuco, indo do Sertão à Região Metropolitana, com o Manguebeat, declamando-o no formato de slam.

Resultados e Discussão

A análise da experiência pedagógica do projeto ArteVital 2025 demonstra sua potência como estratégia educacional deliberada para a promoção da interdisciplinaridade e do protagonismo estudantil. A iniciativa vai além dos seus objetivos explícitos. Outro aspecto relevante observado durante a execução do ArteVital foi a mudança perceptível no engajamento dos estudantes em relação ao processo de ensino-aprendizagem. Inicialmente, muitos alunos apresentavam timidez, insegurança e baixa expectativa em relação às próprias produções. No entanto, à medida que as etapas do projeto avançavam, o envolvimento e a autoconfiança cresceram significativamente. Essa transformação se explica, em parte, pela criação de um ambiente pedagógico mais horizontal, em que o erro é compreendido como parte do processo criativo e o aprendizado ocorre por meio da colaboração. O uso das linguagens artísticas possibilitou a cada estudante reconhecer-se como autor de saberes e experiências, dando sentido pessoal e social à sua participação no projeto.

Além disso, foi possível constatar que o ArteVital atuou como uma ponte entre escola, comunidade e cultura, fortalecendo o sentimento de pertencimento e identidade territorial.



Muitos estudantes relataram que passaram a enxergar o espaço escolar como um local legítimo de expressão cultural, onde suas referências e vivências locais eram valorizadas. Essa dimensão comunitária do projeto dialoga diretamente com o pensamento de Ailton Krenak e Milton Santos, ao reconhecer o território como espaço vivo de resistência e produção de saberes. A prática interdisciplinar adotada no ArteVital, portanto, mostrou-se eficaz não apenas na promoção da aprendizagem conceitual em Sociologia e Arte, mas também na formação de sujeitos críticos, sensíveis e socialmente engajados, capazes de elaborar novas leituras sobre si mesmos e sobre o mundo.

A Interdisciplinaridade como Ferramenta de Análise da Realidade

A estrutura do ArteVital, que exige que cada turma relate um livro com uma música, é a evidência mais clara de sua natureza interdisciplinar. A proposta, ao conectar obras de diferentes linguagens, cria um campo de análise onde a teoria sociológica ganha vida. A escolha do livro "*Quarto de Despejo*", de Carolina Maria de Jesus, por exemplo, não é aleatória. Ela se articula perfeitamente com a música "*Palavra Acesa*" da banda Nação Zumbi, pois ambas abordam, de forma distinta, as questões de desigualdade, território e marginalização social. O projeto ArteVital, ao fazer essa conexão, materializa a "concepção atitudinal" de Ivani Fazenda, transformando a interdisciplinaridade de um conceito abstrato em uma prática educativa concreta. A partir de uma análise que une a literatura, a música e a Sociologia, o projeto oferece aos estudantes a possibilidade de "habitar o conceito" da justiça socioambiental e de "entrar em compasso" com os desafios do cotidiano.

A própria escolha de temas como o Manguebeat em uma escola pública de Recife mostra o potencial do projeto em valorizar a cultura local e em dialogar com a realidade dos estudantes, muitos deles de comunidades em situação de vulnerabilidade socioeconômica. O projeto se distancia de um modelo eurocêntrico de educação, usando a arte como um espelho da própria cultura dos alunos. Conforme o pensamento de Ana Mae Barbosa (2019), essa abordagem é um passo crucial para uma educação que provoca experiências e desenvolve o senso crítico. A análise do Estande do Saber, por exemplo, demonstra a materialização de um aprendizado que integra diferentes linguagens, ao exigir que os estudantes abordem os elementos sociais e ambientais presentes nas obras e apliquem a teoria sociológica de forma autônoma.

Contribuições para a Autoestima e a Emancipação Estudantil

A dimensão mais significativa do ArteVital reside em seu papel no fortalecimento da



autoestima e na emancipação dos estudantes. A EREM Dom Vital, como uma escola pública de tempo integral, atende a um público com um histórico de vulnerabilidade socioeconômica.

Nesse contexto, a educação precisa ser mais do que a simples transmissão de conteúdo; ela precisa ser um ato de empoderamento. O projeto ArteVital, ao dar voz e espaço para que os alunos criem, se expressem e sejam protagonistas de suas próprias produções artísticas, dialoga diretamente com a pedagogia engajada de Bell Hooks. Para Hooks, a educação é uma "prática de liberdade" que valoriza as experiências dos estudantes e eleva sua autoestima, concedendo-lhes a confiança necessária para que possam questionar a realidade e confrontar as desigualdades.

A produção artística, nesse sentido, se torna um ato de resistência e de afirmação de identidade. O Teatro das Invenções e a Música e Dança são mais do que categorias artísticas; são canais de expressão que permitem aos estudantes elaborar suas vivências e transformá-las em arte. Ao se verem representados em suas próprias obras e ao terem seus talentos reconhecidos, os alunos adquirem um senso de agência e de pertencimento. O ArteVital, portanto, não é apenas um projeto que ensina sobre arte e sociologia, mas um projeto que utiliza a arte e a sociologia para mostrar aos estudantes que eles são parte fundamental da história e que suas vozes e experiências têm um valor inestimável.

FIGURA 1 – Estande do Saber da Turma 2º ano F: Exposição visual e didática da articulação entre a obra literária *Torto Arado* (Itamar Vieira Junior) e a canção *Admirável Gado Novo* (Zé Ramalho), abordando temas de luta pela terra e submissão social.



Fonte: Acervo das Autoras (2025).

FIGURA 2 – Estande do Saber da Turma 3º ano G: Painel de exposição sobre racismo estrutural e identidade. O



estande articula o livro *O Avesso da Pele* (Jeferson Tenório) e a música *Identidade* (Jorge Aragão), utilizando recortes visuais para ilustrar as consequências da violência e do preconceito racial.



Fonte: Acervo das Autoras (2025).

FIGURA 3 – Maquete do Estande do Saber da Turma 2º ano G: Representação visual do tema do projeto, articulando o livro *Brasil Caboclo* e a crítica socioambiental presente no Manguebeat, como parte da exposição sobre território e identidade.



Fonte: Acervo das Autoras (2025)



FIGURA 4 – Performance Cênica da Turma 2º ano G: Detalhe do Teatro das Invenções, ilustrando o engajamento corporal e a expressão crítica dos estudantes ao interpretarem as temáticas socioambientais do Manguebeat.



Fonte: Acervo das Autoras (2025).

Considerações finais

O projeto ArteVital 2025 reafirma a importância das práticas interdisciplinares no fortalecimento da educação pública como espaço de emancipação e transformação social. A experiência revelou que, quando o ensino de Sociologia se alia à arte, a escola torna-se um lugar de expressão e reconhecimento, em que os estudantes podem ressignificar suas trajetórias e desenvolver um olhar crítico sobre as desigualdades e as potências do território que habitam.

Mais do que uma atividade pedagógica, o ArteVital se consolidou como um processo de reconstrução identitária e de autoestima, especialmente entre jovens historicamente excluídos das experiências culturais formais. O protagonismo estudantil, estimulado por meio da arte, mostrou-se um caminho potente para a autonomia intelectual e emocional dos



discentes. A experiência também evidenciou o papel essencial dos educadores como mediadores sensíveis e criativos, capazes de reconhecer no cotidiano escolar um espaço de produção cultural e de diálogo entre saberes.

Por fim, os resultados apontam para a necessidade de valorização e continuidade de iniciativas como o ArteVital, que reafirmam o compromisso da escola com a formação cidadã e crítica. Tais práticas demonstram que a arte, quando aliada às ciências humanas, transcende a dimensão estética e se torna instrumento de leitura do mundo, empoderamento e transformação social. Assim, o projeto se inscreve como uma experiência pedagógica exemplar do PIBID, reforçando que a educação só cumpre plenamente seu papel quando promove, simultaneamente, o conhecimento, o pertencimento e a esperança.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. **Ana Mae Barbosa: Arte não se ensina; contamina-se | Conexão Sesc.** Sesc São Paulo, 17 jun. 2019. 1 vídeo (6min10s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ROz0EPOdkc0>. Acesso em: 19 out. 2025.
- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos.** Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- CINEAD LECAV. *Abecedário de Arte e Educação com Ana Mae Barbosa* (2016). In: **YouTube**, 7 ago. 2017. 1 vídeo (54min37s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y8fYEjPDs5Q>. Acesso em: 17 out. 2025.
- FAZENDA, Ivani CA. (Org.). **Didática e interdisciplinaridade.** Campinas, SP: Papirus, 1998. (Coleção Práxis).
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SANTOS, Milton. A questão do meio ambiente: desafios para a construção de uma perspectiva transdisciplinar. **GeoTextos**, Salvador, vol. 1, n. 1, p. 139-151, out. 1994 (republicado em 2005).
- TVPUC. *Pensar e Fazer Arte - O que é Interdisciplinaridade? - 05.* In: **YouTube**, 23 abr. 2012. 1 vídeo (28min1s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ByJpgesPzEQ>. Acesso em: 17 out. 2025.

